

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 268
25 de outubro de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Eu queria continuar hoje com o assunto do Kant, ainda tem muita coisa para falar sobre isso. O assunto é enormemente complicado e talvez a gente continue, se der, se não houver nenhum contratempo e não surgir nenhuma novidade que exija um comentário, nós vamos continuar com isso aqui por algum tempo. Eu gostaria que isso ficasse muito claro pela importância mesma que toda essa concepção kantiana tem, não na história da filosofia, mas na história em geral. Se fosse só na história da filosofia, então seria apenas um assunto de interesse profissional, mas não é; a coisa vai muito além disso.

A base desta investigação que estou fazendo é uma premissa bastante óbvia de que nenhum filósofo com a sua obra pretende despertar resultados somente na esfera acadêmica ou profissional. Todo filósofo tem algum resultado em vista que deva afetar o curso da história ou da civilização e, se possível, a humanidade inteira. O próprio Eric Weil dizia que toda e qualquer filosofia política se pretende válida para toda a humanidade.

Não existe filosofia política para um lugar determinado apenas, sempre um filósofo está pensando em termos de humanidade e acho que no caso de Kant isso é mais do que óbvio. E se colocamos a coisa na sua devida perspectiva, se entendermos que existe um plano geral, uma esperança geral, pelo menos, com relação ao futuro da humanidade, e entendermos que todos os trabalhos técnicos específicos que o filósofo fez sobre isso ou aquilo são, de certo modo, meios ou instrumentos para a execução disso, que são etapas no caminho a ser percorrido com vistas a um objetivo, então, é evidente que toda a filosofia de um indivíduo tem de ser reinterpretada à luz desses valores gerais que estão no fundo de tudo, e que, às vezes, nem precisam sequer ser discutidos, porque os filósofos os tomam como auto probantes, de alguma maneira. Então, seria o fundo axiológico que existe em toda a filosofia, quer dizer, os valores que o indivíduo subscreve e que ele desejaria ver compartilhados por toda a humanidade.

Isto existe em todos os filósofos, sem a menor sombra de dúvida, e se você faz abstração disso, levado pelo fato de que algumas das obras mais específicas, mais técnicas, são mais elegantes filosoficamente e, portanto, são de maior interesse para uma faculdade de filosofia, então você está estudando a filosofia como se fosse uma espécie de fetiche escolar; está recortando a filosofia não de acordo com a sua estrutura verdadeira, mas de acordo com a esfera de interesse que está prevista no currículo, no programa de estudo da escola. Você está moldando o filósofo à imagem e semelhança do currículo escolar.

Isto realmente acontece; praticamente todos os intérpretes de Kant e, sobretudo os melhores, se focaram justamente nas partes mais difíceis e mais sofisticadas da filosofia dele, especialmente a parte da teoria do conhecimento, *A Crítica da Razão Pura*, que é, sim, reconheço, o grande livro dele. Mas que você dê até mais atenção a essas áreas é até justo, mas não que você as separe das ideias gerais que fundamentam toda a carreira do indivíduo, toda a vida dele. E sobretudo no caso de Kant, algumas declarações que fez no começo, no meio e no fim da carreira, mostram uma constância, uma fidelidade, sempre aos mesmos ideais, tornando-se até mais claros no decorrer dos tempos.

Em suma, ele sabia porque estava fazendo tudo que estava fazendo. E se quisermos entender Kant como ele mesmo se entendia, e não como interessa ao currículo escolar, então nós temos de colocar as coisas na devida perspectiva: os valores fundamentais, ainda que não estejam elaborados dentro da própria filosofia, são eles que a orientam. Por exemplo, as obras dos grandes filósofos escolásticos: todos eles eram católicos, e, evidentemente, tinham a perspectiva de converter o mundo, se possível; era isto que estavam fazendo. Mesmo que não escrevassem nenhuma grande obra dedicada a isto, o que não aconteceu, porque todos escreveram do mesmo modo, estas obras, que seriam de apologética, ficariam no segundo plano, porque não têm aquela elaboração filosófica maior, e o filósofo deixaria de prestar atenção nelas e tentaria examinar a filosofia em si mesma, independente dos seus pressupostos religiosos. E com isso você estaria estudando um filósofo que não existe, que só existe na sua cabeça, na cabeça do professor, e que não corresponde à pessoa de verdade que criou tudo aquilo.

Continuando, eu peguei o mesmo texto, "A Idéia de uma História Universal como Propósito e Motor Político", que lemos um pouco na aula passada, e estou apresentado aqui a coisa de uma maneira um pouco mais analítica para que as explicações que dei fiquem ainda mais claras. Eu vou ler e comentar. Esta parte se chama "O Mundo Ideal de Immanuel Kant" e seria a primeira divisão, o primeiro parágrafo, e este aqui se chama "A Astúcia da Razão":

"Em "A Idéia de uma História Universal com um Propósito Cosmopolita"¹, Kant esboça uma interpretação geral do curso da história universal, da qual deduzirá, em escritos subsequentes, um projeto de reforma abrangente não só dos Estados, mas da ordem internacional e da civilização como um todo.

A criação dos meios para a consecução do seu projeto é a preocupação constante que orienta todos os seus trabalhos mais "técnicos" de filosofia. "A Idéia de uma História Universal" é de 1784, posterior de três anos à *Crítica da Razão Pura* e anterior de três à segunda *Crítica* (*Crítica da Razão Prática*) onde Kant subordinará toda especulação teórica aos fins da prática. Isso revela que o filósofo, na plena posse madura do seu pensamento, continuava não só fiel ao objetivo traçado em 1762, mas decidido a implementá-lo em planos mais detalhados.

A expressão "astúcia da razão" é de Hegel, mas, como veremos neste parágrafo, o conceito já estava dado claramente em Kant.

Ele começa por observar que a variedade inabarcável e aparentemente caótica das vontades individuais pode dar a impressão de imprevisibilidade, mas que por trás dela operam "leis naturais constantes", (...)"

Esta expressão é dele, de Kant.

¹ "Ideen zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlichen Ansicht", Kants Werke, vol. VI, Schriften zur Anthropologie, Geschichtsphilosophie und Pädagogik, Frankfurt-am-Main, 1964, pp. 33-50.

"(...) de modo similar ao que acontece no estudo das alterações atmosféricas, "cuja previsão não é possível determinar com antecedência em cada caso singular, mas que no seu conjunto não deixam de manter num curso homogêneo e ininterrupto o crescimento das plantas e outros arranjos naturais".

Presos aos seus objetivos individuais, os homens "e até os povos inteiros" não se dão conta de como suas ações aparentemente desencontradas "seguem imperceptivelmente, como fio condutor, a intenção da natureza".

Veremos mais adiante uma ambiguidade tremenda no uso que Kant faz da palavra "natureza". E esta ambiguidade em parte se deve ao fato de que Kant escreveu demais e, provavelmente, às vezes, não tinha tempo de aprimorar o vocabulário como deveria; mas, em parte, eu acho que esta ambiguidade é um elemento da própria concepção dele. Nós vamos ver isso adiante.

"Com frequência, senão sempre, essas ações não somente são desencontradas e inconexas, mas determinadas por pura "loucura e vaidade infantil", quando não por "infantil maldade e ânsia destruidora".

Isto é, ele vê o comportamento individual como que baseado em uma visão meio hobbesiana: a luta de todos contra todos, todo mundo está agindo só por instintos naturais toscos e brutais e agindo às cegas.

"(...) Se há, portanto, uma racionalidade profunda por trás desse caos, ela não depende de nenhuma premeditação humana mas de "um determinado plano da natureza". Para prová-lo, Kant oferece nove proposições.

Primeira: As disposições naturais de cada criatura tendem a desenvolver-se, algum dia, de modo completo. "[0:10] Se renunciamos a esse princípio, já não temos uma natureza regular, mas antes uma natureza sem finalidade".

Portanto, Kant acredita que a natureza é finalística: todo o curso da história humana é dirigido por uma intenção sutil e secreta, por assim dizer, da natureza; intenção que escapa à consciência dos agentes individuais.

"Como Kant, mais tarde, dirá que o objetivo de todo o "plano da natureza" é o desenvolvimento completo da capacidade racional de cada ser humano, (...) "

Ou seja, a razão é, por assim dizer, o cume da evolução natural: tudo foi feito ao longo das eras para que o homem, por fim, desenvolvesse sua capacidade racional e que esta capacidade racional imperasse sobre toda conduta humana e sobre toda a ordem social, política, social. E muitas vezes Kant esclarecerá que com "razão" ele quer dizer algo que escapa ao domínio instintivo natural; a razão é totalmente independente dos instintos naturais. Por exemplo, um instinto pode te oferecer determinados objetos que você vai desejar buscar, mas a razão pode preferir outros completamente diferentes; por assim dizer, a razão nada deve ao instinto, nesse sentido. E Kant ora usará "natureza" como sinônimo de instinto brutal e tosco, ora usará "natureza" como designando esta força superior que nos dirige em direção da razão e que forçosamente para isso tem ela mesma de ser racional: a razão está na natureza, ela não está nos homens; e é a natureza que vai conduzir os homens à racionalidade. Então, nós veremos adiante que esta ambiguidade oferece mais problemas do que uma mera imprecisão de linguagem.

"(...) só podemos compreender que a razão dos indivíduos não vem como um dom natural pronto, mas, ao contrário, surge lentamente do entrelaço de loucuras e desvios guiados de

maneira inconsciente e imperceptível pela racionalidade superior e secreta de um “plano da natureza”.

Segunda: Em contraste com a apologia da razão individual que apresentará poucos meses depois em “Que é o Iluminismo”, (...)”

Isto é importante: o que Kant está dizendo aqui é que o indivíduo não é o portador da razão, o portador da razão é a natureza, que se aproveita das condutas irracionais do ser humano baseadas no instinto e até na brutalidade, se aproveitam dessas ações para conduzir o homem gradativamente em direção ao uso da razão. Mas, no trabalho que vamos estudar depois, “O Que é o Iluminismo?” – não é exatamente o próximo, mas o segundo ou terceiro –, ele fará um apelo para que os indivíduos humanos se tornem portadores autônomos da razão e consigam dirigir a sua vida inteiramente pela razão, contrariando instintos, natureza etc.

“(...) Kant afirma que no homem a disposição para o uso da razão “só se desenvolve integralmente na espécie e não no indivíduo”.

Mas se a razão só se desenvolve na espécie e não no indivíduo, que sentido faz um apelo para que os indivíduos desenvolvam sua razão para cima e para além dos instintos naturais?

“A tese contrasta flagrantemente com a de Reinhold Niebuhr em *O Homem Moral e a Sociedade Imoral* (...)”

Niebuhr era um teólogo protestante, esquerdista e progressista, mas que escreveu um livro muito importante: *O Homem Moral e a Sociedade Imoral*”.

“(...) amplamente confirmada pela experiência histórica, segundo a qual indivíduos humanos alcançam um nível de consciência e de moralidade muito superior, em geral, não só ao da sua sociedade, como também ao de qualquer sociedade conhecida.”

Isto é um fato tão brutal, tão óbvio, que é quase impossível você entender por que Kant escreveu isso: que a razão só se desenvolve na natureza, na espécie, e não no indivíduo, sobretudo a razão prática, a razão moral. Você pode ver que existem indivíduos santos, mas não pode falar de uma sociedade santa, isso nunca existiu. Na sociedade, o mal e o bem se misturam necessariamente, mas em alguns indivíduos o bem chega a predominar de tal forma sobre o mal que você os vê como se fossem indícios, sinais de Deus. Isso não só na sociedade cristã, mas em muitas outras; na palavra “aiatolá” – que muitos crentes usam – “aia” é um sinal de Deus. Esta noção de que alguns homens são sinais de Deus é universal, mas não tem nenhuma sociedade que por si seja um sinal de Deus.

“Mas Kant argumenta que a razão “não atua de modo instintivo”, mas precisa de tentativas e erros, de exercício e de aprendizagem.”

Só que esta aprendizagem está sendo secretamente conduzida pela própria natureza. Então, a natureza é a grande portadora da razão e leva esses homens irracionais através de tentativas e erros, de modo que eles vão, aos poucos, aprimorando a razão, que já estava dada, evidentemente, na própria natureza.

“Para aprender a usar com perfeição a sua disposição natural, “cada homem teria de viver um tempo imensuravelmente longo”. O desenvolvimento da razão, por isso, necessita de “uma série talvez incontável de gerações, das quais uma transmite à outra os seus conhecimentos”. A tese coincide com aquilo que veio a se tornar a crença do senso comum no “progresso do conhecimento”. Mas “progresso do conhecimento” não é nenhum fato objetivo. Não é nem

mesmo um conceito racional. É uma figura de linguagem, uma metonímia: o que progride, ou melhor, aumenta, é o número de registros materiais dos conhecimentos adquiridos – sobretudo na forma de bibliotecas e arquivos -- e o número de pessoas que têm acesso a esse material."

Note bem: em que medida isto é progresso do conhecimento? Se o número de registros aumenta, você diz que o conhecimento disponível aumentou, mas o conhecimento disponível é apenas potencial. Enquanto o conteúdo desse conhecimento não for apropriado por nenhum ser humano individual, então não se pode dizer que houve progresso do conhecimento. Isso é a mesma coisa que criar uma biblioteca científica no meio de uma tribo de botocudos que não sabe nem ler. O conhecimento está lá, só que eles não têm acesso; têm acesso possível, virtual: a biblioteca está lá e quando você se tornar capacitado, vai lá, lê aquilo e entende.

Confundir o número de registros de conhecimento com a posse efetiva de conhecimento é algo que, evidentemente, só é possível em um pensamento metonímico, no qual você vai tomar o instrumento pela coisa, o efeito pela causa, um acidente pelo fenômeno propriamente dito, pela essência do fenômeno. Então, é claro que é um pensamento nebuloso, distorcido, e confunde a pessoa. Se você disser que hoje nós compreendemos mais do que os antigos. Isto é verdade em certos domínios específicos; por exemplo, podemos dizer que hoje nós compreendemos melhor o processo histórico do que se compreendia em 1500, mas esse "nós" se refere apenas ao círculo dos estudiosos, não às outras pessoas. Na verdade, a ciência histórica cresceu formidavelmente e se tornou mais difícil de adquirir pela população comum, pois se exige uma especialização maior.

Assim, o número de pessoas capacitadas para isso, para compreender isso, é muito pequeno. Então, em que sentido você pode dizer que houve um progresso do conhecimento? Você pode dizer que dentro da nossa comunidade profissional, houve um progresso do que nós sabemos e eles não sabiam, mas e os outros? A gente vê isso, por exemplo, aqui nos Estados Unidos, como existe um grande número de historiadores do comunismo, toda hora eles usam esta expressão: "Agora nós sabemos que...". Sim, vocês, mas e a população? Este "nós sabemos", falando universalmente em nome da humanidade, é sempre enganoso. O "nós" tem de poder ser identificado e localizado espacialmente. "Nós" quem? É o negócio do Tonto, aquele índio parceiro do Zorro: "Nós quem, cara pálida?".

[0:20] Claro que eu não estou criticando este uso da expressão, estou criticando o uso sonso, na qual você não tem uma noção clara de quem é o "nós" a que está se referindo. Frequentemente, quando existe uma mudança de patamar na alta cultura, as pessoas falam disso como se toda humanidade tivesse subido a esse patamar, quando na verdade é o contrário: quanto mais cresce a produção de obras da cultura superior, mais isso se torna difícil de disseminar entre muitas pessoas. Tanto que existe a utopia de que o ensino, inclusive o ginásial, secundário, deve acompanhar a pesquisa científica. Isto é absolutamente impossível, porque se os cientistas não conseguem acompanhar a pesquisa científica, como é que o garoto de ginásio vai acompanhar?

Quanto mais a rápida é a pesquisa científica, você tem um progresso do conhecimento em uma certa comunidade, mas tem o progresso da ignorância em volta daquilo. Digamos que até a física de Newton todo mundo podia compreender, mas depois o negócio foi complicando e complicando. Hoje em dia quantas pessoas são capazes de compreender a mecânica quântica e os seus debates internos? Um número ínfimo, mas como existem algumas pessoas que sabem mais, então a comunidade inteira diz: "Hoje nós sabemos mais!". "Nós" é uma pinóia, quem sabe é este ou aquele.

"Nada garante que o membro individual de uma geração subsequente possua efetivamente "mais conhecimento" que o da geração anterior."

Sob certo aspecto, o conhecimento disponível até diminui, porque veja, por exemplo, um índio de uma tribo do Alto Xingu, não existe nada na sociedade indígena que cada índio não conheça perfeitamente bem: ele conhece todas as instituições, conhece o funcionamento inteiro da tribo, tem uma visão global da sociedade. Agora, um habitante da cidade de São Paulo: quantos têm uma visão global da sociedade paulista? Ninguém tem; você tem um monte de átomos soltos, cada um entendendo um pedacinho infinitesimal, e para ter uma visão de conjunto, precisa ser um gênio da sociologia.

"Se fosse assim, qualquer estudante universitário do tempo de Kant saberia mais que Leibniz, e o de hoje, mais que Kant."

E isto obviamente não é verdade.

"O acúmulo dos meios disponíveis não produz automaticamente o aumento da capacidade individual de absorver conhecimento."

Ao contrário, até o dificulta. O simples acúmulo de material exige o aperfeiçoamento dos meios de indexação e de organização; é o problema da organização do conhecimento disponível. Só esta organização, por exemplo, a arte e ciência da bibliografia, só isto já é de uma complexidade quase inabarcável. O bibliógrafo não precisa conhecer o conteúdo de todos os livros que está catalogando, mas ele sabe pelo menos a ordem, a distribuição dos assuntos, das épocas, da importância etc. Só isso já é uma profissão altamente complexa.

"Por outro lado, se existe uma multidão de registros espalhados em milhões de arquivos diferentes a que nenhum indivíduo ou grupo de estudiosos tem jamais acesso na sua totalidade, o que aumentou não é o conhecimento, mas o número de objetos a conhecer."

Mas o que é a natureza em torno de nós? É uma infinidade de objetos a conhecer: tem os animais, as pedras, as plantas, os fenômenos atmosféricos, geológicos e geodésicos etc. Tudo isto são objetos a conhecer, não é conhecimento ainda, isto é objeto do conhecimento. E o que são os registros acumulados em bibliotecas e arquivos? São conhecimento? Não, são objetos a conhecer. Então isso quer dizer que em cima dos objetos da natureza, nós criamos uma segunda camada de objetos a conhecer que são os objetos culturais.

"No campo das ciências naturais, por exemplo, os seres da natureza, que a ciência das gerações anteriores buscava decifrar, transmutou-se em inumeráveis objetos de criação humana – objetos culturais –, que por sua vez terão de ser decifrados um a um, e nada garante que o tecido da cultura humana, com toda a sua abrangência e complexidade, seja mais claro ou mais compreensível do que a própria natureza."

O próprio desenvolvimento das ciências humanas nos últimos 200 anos mostra que a cultura e a sociedade são, por si, objetos complexos, que têm de ser compreendidos também; quer dizer, em princípio, a cultura é como uma lente através da qual você enxerga o mundo físico ou o mundo da natureza. Mas acontece que ele é um objeto também em si mesmo, e tem sua própria complexidade, suas próprias exigências. É curioso que Kant não perceba isso justamente ele que é o sujeito que vai dizer que não conhecemos nada diretamente, mas sempre através do aparato humano. Ou seja, a cultura, ao invés de ela ser uma lente, não, ela é uma estrutura que deforma e às vezes cria o seu objeto, isso segundo Kant. Então, quem diz que aumentando a cultura aumentou o conhecimento? Nós não sabemos, na verdade.

"Sobretudo se consideramos que a produção desses objetos, como tudo o mais na ação humana, não passa, segundo o próprio Kant, de "um tecido de vaidade e loucura".

Ora, se razão só existe na espécie e na natureza, e não no indivíduo, se a razão do indivíduo é apenas uma expressão muito deficiente e parcial de uma razão mais abrangente, então isso quer dizer que todos os objetos culturais foram criados por indivíduos que são dirigidos por vaidade e loucura.

"Para piorar as coisas, se a limitada capacidade de aprendizado e a breve duração da sua vida estreitam seriamente as possibilidades de evolução da racionalidade individual, o aumento do número de registros disponíveis, em vez de contribuir para o aperfeiçoamento da racionalidade individual, criará, para cada nova geração, obstáculos cada vez mais intransponíveis. Daí o fenômeno, assinalado por Jean Fourastié, do "progresso do esquecimento" que acompanha necessariamente o crescimento do número de registros."

Veja, por exemplo, tecnologias antigas que foram perdidas e que, por mais que o pessoal se esforce, não consegue compreender. Por exemplo, os vitrais das catedrais medievais: até hoje ninguém sabe como os caras faziam; mas se eles fizeram, é porque sabiam fazer. Ou aquelas construções do Egito antigo; quando você pensa que naquela época não tinha guindaste mecânico, não tinha nada, e os caras transportavam pedras do tamanho de uma casa. Como a pedra foi parar lá em cima? Até hoje, ninguém sabe isso. Ou seja, eles tinham uma tecnologia que foi perdida. E não só não temos essa tecnologia como não conseguimos compreender a que eles tinham.

Sem contar outras coisas: veja a história da retórica greco-romana. O retórico redigia um discurso e o decorava, discurso que podia durar cinco, seis horas; ou seja, eles tinham uma arte de memória que hoje nós não temos. Hoje, um sujeito que consiga decorar um discurso de seis horas será considerado um prodígio de memória e não apenas um bom orador; e, no entanto, era o que todos os oradores faziam na época.

Existe aquele livro da Francis Yate, *The Art of Memory*, no qual ela procura expor qual era a técnica que eles usavam. Bem, eu entendi qual é a técnica, mas isto não me dá o domínio desta técnica. Hoje, temos técnicas mnemônicas até melhores, porque elas incorporam tudo isso aí, mas quantas pessoas, no mundo da cultura superior, dominam estas técnicas? Só o especialista na área. Se eu chegar lá, Dominic O'Brien, que é campeão mundial de memória, domina todas essas técnicas. Mas é o seguinte: ele faz só isto. De o que o Dominic O'Brien entende? Ele entende de lembrar as coisas: não é um estudioso de física, não é um grande escritor, nem grande artista, é um homem da arte da memória. Então, isto também vira uma profissão especializada, a qual os praticantes de outras profissões têm um acesso muito limitado.

"*Terceira proposição:* Como o homem não desfruta de nenhuma felicidade ou perfeição exceto aquela que, libertando-se do instinto, ele criou para si mesmo mediante o uso da razão, torna-se claro que o império final da razão, entremeado no subsolo da História como plano secreto da natureza, só estará pronto e disponível para "as últimas gerações", [0:30] que se beneficiam dos trabalhos de "uma longa série dos seus antepassados".

É curioso que Kant tenha alegado contra as primeiras hipóteses evolucionistas o obstáculo da regressão infinita, (...)"

Apresentaram-lhe a teoria evolucionista e ele disse: "Não, não dá, porque isso aí tem que ter regressão infinita". Quer dizer, se você tomar todas as formas intermediárias que separam o

animal no seu estado atual do seu antepassado supostamente primitivo, você terá então uma regressão infinita.

“É curioso que Kant tenha alegado contra as primeiras hipóteses evolucionistas o obstáculo da regressão infinita, na qual ele mesmo tropeça nesse parágrafo sob o aspecto inverso da progressão infinita. Pois, das duas uma: ou Kant tem alguma ideia aproximada da data do fim da História e pode, com autoridade, falar de últimas gerações ou as gerações supostamente últimas não serão senão mais um elo da cadeia infindável dos antepassados, que criam inconscientemente o império da razão sem poder beneficiar-se dele.”

Ou seja: haverá uma última geração que se beneficie do império da razão enquanto as outras todas foram criando este império da razão, sem poder desfrutar dele, ou ela também continuará ajudando a criar o império da razão para as gerações subsequentes, sem poder desfrutar dele? Para que a primeira hipótese vigorasse, era preciso saber quando é o fim da História. Você vê que o negócio é todo cheio de problemas, só que, estes problemas, que nós vimos aqui no Kant, são os problemas da política atual no mundo. Toda essa concepção de progresso vem com este problema aqui; todas as ideologias progressistas vêm com este problema no bojo delas. E quem foi que inventou este problema? foi o Kant?

“Quarta [proposição]: o ser humano é movido por duas tendências antagônicas e inseparáveis (...)”

Voltando aqui. Você vê o negócio do Fukuyama, o Fim da História; Marx e Fukuyama, os dois anunciam o fim da história. Só que a história depois continua e aquilo que era pra ser o Fim da História vira só mais um capítulo. Então, quando é o Fim da História? O Fim da História é sempre empurrado com a barriga para as gerações subsequentes. Eu tratei disto como um dos elementos constitutivos da mentalidade revolucionária: quer dizer, você fala em nome de um futuro, mas quando será esse futuro? Você não pode dizer quando, porque se o futuro chegar a revolução estará realizada e então ela terá de prestar contas do que fez; mas, para prestar contas, ela teria de transferir o seu poder para uma outra instância que iria julgá-la, e ela não pode fazer isso.

Daí que a tendência inevitável de todo e qualquer grupo revolucionário é acumular cada vez mais poder, mais poder, mais poder, sem poder jamais transferi-lo ao povo que nominalmente seria o beneficiário disto, e, ao mesmo tempo, o futuro prometido terá de ser adiado indefinidamente, não por um motivo ou por uma dificuldade prática qualquer, mas por uma dificuldade lógica inerente ao próprio conceito. Se eu, que sou revolucionário hoje, represento a autoridade do futuro – mas represento esta autoridade hoje e não no futuro –, quando esse futuro chegar então o meu trabalho, que dirigiu a humanidade naquele sentido, será julgado. Mas a revolução não pode aceitar nenhum outro juiz acima dela mesma. Tem-se aí uma contradição, um paradoxo, dentro do próprio conceito de revolução. Este mesmo paradoxo, antes do desenvolvimento das ideologias revolucionárias mais elaboradas, já estava dado aqui tudinho no Kant – e até hoje a humanidade se agita no meio deste problema. Quando vemos, por exemplo, que é criada uma revolução, instaurado um novo regime, e depois aquele regime evidentemente só traz sofrimento, dor, miséria etc. e aí dizem que o ideal foi traído; mas esse ideal, para criar tal resultado, não precisa ser traído, basta que se realize, porque ele é uma contradição em si mesmo. Uma contradição só leva a outra contradição, a outra, a outra, e no fim você fica enredado num tecido de impossibilidades; isso acontece em toda revolução. Onde começa isso? Começa aqui, com Kant.

Uma coisa importante é o seguinte: quando alguém vê um elemento da política, uma ideia qualquer, uma proposta que circula na política contemporânea, e tenta discuti-la tal como ela

está sendo apresentada no momento, sem saber qual é a raiz, esquece um elemento muito importante: uma coisa é uma idéia que está dentro de um discurso ideológico presente; outra coisa é esta mesma idéia dentro de um sistema filosófico enormemente complexo. Quando a idéia é transposta para o mero discurso ideológico, a pessoa não tem noção dessas complexidades que estão por trás dela. Isso quer dizer que ela só vê um pedacinho da idéia, e a confusão toda que esta traz na rabeira não é percebida. Isso quer dizer que combater uma idéia ou propugná-la, nos termos em que ela está no discurso ideológico presente, sem saber a retaguarda, é ignorar suas verdadeiras implicações. Imagine, por exemplo, o número de pessoas que se opuseram a uma ideologia revolucionária sem saber desta contradição intrínseca que tem na idéia revolucionária; contradição da qual a idéia revolucionária se alimenta. Dada qualquer proposta revolucionária, ela vai crescer indefinidamente porque não pode ser realizada. Não é porque tenha obstáculo prático. Tem pessoas, como os liberais, que gostam de dizer: “o comunismo é irrealizável, porque é contra a natureza humana”, ou “porque é contra as leis da economia”. Não, ele é irrealizável porque foi feito para ser irrealizável e para se alimentar do seu próprio fracasso indefinidamente. Por que o fracasso do regime comunista na União Soviética não acabou com o movimento comunista no mundo, mas, ao contrário, até o fortaleceu? Como observa o Jean François Revel: dez anos depois da queda da União Soviética, ele escreve o livro *La Grande Parade*, que diz exatamente isso: como é possível que essa coisa tenha crescido, ao invés de acabar? Porque o fracasso nada pode contra um ideal autocontraditório; o projeto revolucionário não é como um projeto de engenharia, que é um projeto lógico a ser realizado com tais e tais meios, dentro de tal prazo, etc. Não; ele é uma proposta que se retroalimenta, e se alimenta do seu próprio fracasso. Isto é um mecanismo muito diferente do que seria uma proposta no sentido explícito e material da coisa, como a proposta de um negócio ou o plano de um edifício, que é um plano racional a ser executado por meios identificáveis. A proposta revolucionária não é deste tipo e, portanto, alegar seu fracasso contra ela não só é impotente como pode até ajudá-la, porque, se a revolução fracassou, para o revolucionário isso é mais um motivo para fazer a revolução. “Ah, os nossos ideais foram traídos? então, agora, nós temos de fazer tudo de novo.” Tudo isto aqui, toda esta confusão já estava dentro da mente do Kant, que não é tido geralmente como um autor revolucionário, mas que é o pai de todas as ideologias revolucionárias modernas. Se você pegar os caras que eram revolucionários mesmo, como o pessoal do iluminismo francês, eles são fichinha, perto do Kant. O que o Kant montou aqui é uma bomba atômica, e o fez de maneira muito discreta, tanto que o pessoal vê os efeitos e ninguém lembra que isso aí começa com Kant. Vocês não imaginam a profundidade do ardil lógico que tem por baixo de tudo isso. O que espero ficar claro nas próximas aulas; espero toda semana ir escrevendo um pouco disso, porque tem que documentar muito bem, não pode ficar só na exposição oral, tem de estar escrito também. Por exemplo, muita gente, quando lê Hegel, diz: “Hegel divinizou o estado”. Hegel nunca fez isso. Nunca. Quem fez foi o Kant, e Hegel está levando a culpa. Mas está tudo já no Kant, direitinho. [0:40]

“Quarta: O ser humano é movido por duas tendências antagônicas e inseparáveis: a sociabilidade e a insociabilidade. A ânsia de juntar-se aos semelhantes e a de impor-se a eles, em busca de honras e vantagens egoístas. Do seu conflito permanente e insanável nasce a necessidade e depois a possibilidade da sociedade moral-racional.”

Kant admite que esse processo pode durar uma infinidade. Pode também não acabar nunca, ele admite, “mas nós temos de nos dirigir nesse sentido”.

“Esta é decerto a mais misteriosa das nove proposições. Se o plano da natureza é levar os homens à ordem racional, por que tinha de fazê-lo pelo artifício tortuoso de primeiro infundir neles toda sorte de impulsos irracionais, até a violência pueril, para daí extrair, no curso de uma evolução cruelmente longa, de guerras e conflitos sem fim, e por meios que permanecem

inexplicados, o advento da sociedade racional, da qual estarão excluídos todos os homens que se esforçaram para alcançar esse resultado?”

O que é que pode haver de racional em sacrificar gerações, e mais gerações, e mais gerações para criar uma sociedade racional na qual, no fim, só as últimas gerações vão se beneficiar, quando nem se sabe quais gerações serão últimas? O que é que pode haver de racional? Isso é profundamente irracional. Quer dizer, o plano da sociedade racional é irracional em si mesmo. Agora, pergunto eu: será que Kant não percebia isso? Se não percebia, é um cretino, e se percebia, a coisa é de uma malícia quase diabólica. Sem contar que pode ser as duas coisas ao mesmo tempo.

“Quinta: A criação de uma sociedade ordenada pelo direito é a finalidade visada pela natureza ao longo da história humana por meio de uma ‘insociabilidade forçada a disciplinar-se’. Em tal sociedade, os homens dispõem da máxima liberdade possível dentro dos limites impostos por ‘um poder irresistível’.”

Quer dizer: ao mesmo tempo existe o máximo de liberdade e existe um poder irresistível. Só que, o que é que Kant quer dizer com “liberdade”? Ele quer dizer “liberdade do instinto natural”; ele não quer dizer a liberdade no sentido usual em que a entendemos, no sentido de eu poder fazer o que quero. Não, eu só sou livre se eu não dependo do meu instinto natural. Meu instinto natural me manda fazer uma coisa, mas a minha razão me manda fazer outra e eu sigo a razão; veja, é a liberdade que o indivíduo tem sobre si mesmo, não sobre um outro. Isso quer dizer que, se o Estado impuser a ordem racional, com toda a força de um poder irresistível, e todas as pessoas forem obrigadas a se contrariar, isto será, para Kant, o máximo da liberdade. Ele está confundindo a liberdade interna do indivíduo com a liberdade no sentido civil. Esta confusão também perpassa toda a filosofia política de Kant. E, em outros pontos, as vezes o Kant demonstra uma lucidez na análise das coisas, que é um negócio impressionante. Então burro ele não era; só se ele as vezes era inteligente e as vezes era burro. Mas eu acredito que, no fim das contas, o elemento satânico predomina. Não tenho certeza, ainda, mas acho que sim, porque ele mesmo dirá que o ponto central de tudo é de ordem religiosa: o problema da religião é o problema principal. E um ponto que ele insistirá mais adiante é que não pode haver nenhuma verdade religiosa definitiva; a verdade religiosa tem de estar em evolução histórica. Mais ainda, a suprema encarnação da razão será o Estado de Direito final. Isso quer dizer que a autoridade da Revelação acabou; quem tem autoridade agora é o Estado, e ele assegura a liberdade dos indivíduos na medida em que os ensina a contrariar-se a si mesmos, contrariar o seu instinto e seguir apenas o que está na razão. Quem não entende que isso é um projeto diabólico acho que não entende nada.

Aluno: Você pode falar um pouco sobre a diferença entre a liberdade interior e a liberdade civil?

A liberdade, para Kant (mais tarde, num outro texto, ele definirá isso), é a capacidade que o sujeito tem de contrariar o seu instinto e seguir a razão. Então, é claro que isso é uma liberdade no sentido interior e não no sentido civil. No sentido civil seria eu não ser coagido por um terceiro, não pelo meu instinto. Na verdade, a liberdade, no sentido civil, exige que você possa optar livremente entre seguir o seu instinto ou seguir a razão. Por exemplo, os amigos recomendam ao Lula: “não beba desse jeito”, e ele diz: “mas eu quero beber”. Isso é a liberdade no sentido civil, mas não é liberdade no sentido kantiano, porque ele dirá: “esse cara é um escravo do instinto”. A liberdade interior é uma coisa e a liberdade civil é outra; mas a indistinção entre liberdade civil e liberdade interior passa o tempo todo, no Kant. Você vai ver que muitas vezes essa confusão vai aparecer. Se a confusão é proposital ou não eu não sei; mas eu sei que quando a influência de um sujeito desses se alastra pela sociedade veremos esse problema em tudo quanto é lugar. Quer dizer, o estado é quem protege você contra você

mesmo: eu chego lá em Nova Iorque e eu quero fumar: “não, a razão manda não fumar”. A razão de quem? A razão que está incorporada no Estado. E eu digo: “mas eu quero exercer minha liberdade”, “não, a liberdade é você dominar o seu próprio instinto”. Então, eu digo: “Meu instinto é encher a sua cara de porrada”, mas a razão determina que se eu fizer isso eu vou para a cadeia. Então a liberdade consiste em eu não fazer o que quero fazer. Veja a expressão “máxima liberdade possível” ao lado de “um poder irresistível”; mas se o poder é irresistível eu não tenho a liberdade de me opor a ele. Aí, ele dirá: “a liberdade não consiste em se opor à razão, mas em segui-la”. E a razão está incorporada onde? No Estado de Direito. Note que toda esta concepção atual politicamente correta etc. vem disto aqui; mas veio por meios tão indiretos, e através de uma série tão grande de sucessores e intérpretes, que as pessoas não identificam a raiz kantiana.

“Que o homem insociável, se quer obter vantagens, seja obrigado a adotar uma disciplina racional, é algo de que ninguém pode duvidar.”

Veja: eu sou um sujeito insociável, sou um Al Capone e quero roubar o dinheiro de todo mundo, quero criar bordéis para crianças de doze anos etc. Ora, eu tenho que ter uma organização racional da minha quadrilha para conseguir fazer isso. Então, quem disse que o progresso da razão tem algo a ver com a vitória da sociabilidade sobre a insociabilidade? Aí temos a famosa distinção do Max Horkheimer: a Razão Instrumental. A Razão Instrumental nos provê meios para realizar fins que, em si mesmos, podem ser malignos ou irracionais.

Temos aqui a sociabilidade e a insociabilidade, as duas estão sempre em choque, por que que o entrechoque delas tem que criar uma racionalidade maior no que diz respeito aos fins e não somente aos meios? Por que que a insociabilidade não pode se tornar mais racional até do que a sociabilidade? É o que de fato acontece: não tem ninguém mais organizado hoje do que quadrilha de narcotraficantes; eles são muito mais organizados do que a sociedade que os combate, em vão.

“Mas Kant não nos explica por que esse homem insociável deveria disciplinar-se no sentido da maior sociabilidade em vez de fazê-lo tão somente em vista de obter a vitória mais fácil contra os seus semelhantes. Hobbes, que toma igualmente a insociabilidade como premissa, entende ao menos que essa conversão da razão instrumental em razão ética não pode operar-se espontaneamente por uma mágica da natureza, mas requer a intervenção deliberada e um poder regulador, ou seja, a forma de um indivíduo, um governante.”

Ou seja: o homem insociável pode ser racionalizado, [0:50] mas não no sentido da razão ética e sim no da razão instrumental; o que quer dizer que a crueldade dele se tornará cada vez mais eficiente. Para que isso não aconteça, é necessário que a ele se oponha um poder invencível, mas esse poder invencível tem que ser o de um homem, de um governante.

“Se a natureza é poderosa ao ponto de guiar os homens inconscientemente em direção a fins que eles ignoram, mas é impotente para sugerir a um deles a idéia do Leviatã hobbesiano, não se vê como do livre jogo de fatores incontrolláveis ela poderia fazer nascer um poder irresistível.”

Alguém tem de dizer: “espera aí, o poder irresistível sou eu!” Então você sobe, você é Napoleão Bonaparte, você é Joseph Stálin e manda em todo mundo. É sempre assim. Porém, Kant tinha a idéia de um processo espontâneo que fosse criando um sistema de poder de dominação até para além da premeditação dos indivíduos. E de fato isto até certo ponto acontece no Estado Moderno. Por quê? Porque existe um treco chamado poder legislativo, que está legislando o tempo todo. São milhões, e milhões de leis, é um processo que ninguém controla, mas que vai cerceando cada vez mais a liberdade em nome da liberdade. Isto é o

mundo do Kant. Ele não está falando que tem de ter um ditador, que um homem tem que impor a sua vontade aos outros, não, é a razão que vai se impor aos outros. A razão, anonimamente. E essa razão se incorpora no quê? No Estado de Direito. O Estado de Direito é um poder legiferante absolutamente incontrolável, que ninguém controla e que controla todo mundo, inclusive o próprio legislador – idéia que também tinha o Maquiavel –; o próprio legislador vive aterrorizado porque ele pode cair dentro da máquina legal e ser esmagado por ela. Então, é o seguinte: ninguém está nos oprimindo e todo mundo está oprimido, e isso é o que ele está chamando “O Império da Razão”.

“Sexta proposição: Aqui, Kant tenta responder a essa dificuldade reconhecendo que o ser humano, sendo um animal de maus bofes, precisa ‘de um senhor que lhe quebrante a vontade própria e o force a obedecer a uma vontade universalmente válida’, de tal modo que, obedecendo-a, ele possa ainda ‘ser livre’.”

Esse seria o Leviatã, esse seria o tirano.

“Ele não explica, neste escrito, o que vem a ser uma ‘vontade universalmente válida’.”

Quer dizer: o tirano acha que a vontade dele é universalmente válida e por isso mesmo ele a impõe. É aquele negócio da Revolução Francesa: “Nada de liberdade para os inimigos da liberdade!” Quem define quem é o inimigo da liberdade? “Eu”.

“Para encontrá-la, será preciso ler a *Crítica da Razão Prática*.”

É só lá que ele vai explicar o que é vontade universalmente válida.

“Mas, do teor geral do documento depreende-se que, com esse conceito, ele só pode estar designando uma vontade humana que corresponda ao desígnio geral e secreto da natureza.”

O governante que conseguisse impor esse poder irresistível para defender os indivíduos contra a sua própria falta de liberdade seria, por assim dizer, a encarnação desse plano secreto da natureza que quer impor o império da razão. Não é a vontade de um indivíduo – de um governante – que prevalece; através dele, quem está impondo a situação aos indivíduos é a própria natureza e, portanto, a própria razão universal. Isso é o que ele entende.

“Confirma-o o fato de que, linhas adiante, Kant admite que o ‘senhor’, o porta-voz da ‘vontade universalmente válida’, é também um bicho malvadinho sem a capacidade de tornar-se justo.”

Quer dizer, não existe um indivíduo que seja mais justo que os outros – são todos injustos. E quem, então, vai personificar esse poder irresistível da razão universal que se impõe a todos? É o próprio Estado como totalidade, e não um indivíduo, não um tirano. Ele era contra a tirania. Mas, para acabar com a tirania de um, ele criou a tirania de todos contra todos. Um processo absolutamente incontrolável, porque, se tem um tirano específico, tem lá Joseph Stálin: “bom, a gente vai lá, dá um tiro em Joseph Stálin e o negócio acaba”. Mas, e se for o sistema inteiro que está montado para ser assim? Aí, não tem mais jeito.

“A sociedade racional, nesse sentido, é praticamente impossível e só o que pode ser exigido dos seres humanos é que se aproximem dela como numa assíntota sem jamais atingi-la.”

Que é exatamente o que o Kant diz: Talvez jamais cheguemos a esse objetivo, mas temos a obrigação de continuar indo nessa, nessa, nessa direção. Mas, se é assim, que sentido tem falar em últimas gerações? Vocês veem que o negócio é um abacaxi, é um problema enormemente

complexo, que as obras técnicas do Kant tornam ainda mais complexo, mais sofisticado, e que contém em germe todos os problemas do mundo atual.

“Daí, duas conclusões se impõem inexoravelmente: 1) Se a sociedade racional não pode ser realizada, mas permanece nada mais que um ideal, retornamos ao problema das séries infinitas e a expressão “últimas gerações” (proposição terceira) perde todo sentido; 2) Mesmo no estágio mais alto que se possa alcançar na série das aproximações sucessivas, o homem não será jamais o portador autorizado da razão e continuará sempre a ser dirigido inconscientemente pelos desígnios invisíveis da natureza.

Por quê? Porque, diz ele: “A razão nunca se desenvolve perfeitamente no indivíduo, só na espécie”.

“Com isto, o projeto do Iluminismo (que estudaremos depois) torna-se apenas um *flatus vocis*.”

Quando ele diz: “o Iluminismo consiste em todos conseguirem pensar por si mesmos, sem ser dirigidos por outros”. Mas ele mesmo está dizendo que isso é impossível! Quando se coloca as pessoas num projeto de realizar o impossível, esse projeto nunca vai terminar e ele mesmo se tornará o objetivo. Esse esforço de realizar o impossível é, em si, possível; e ele é a única coisa possível na verdade, tornando-se o próprio tecido da vida histórica humana.

“Sétima proposição: O mesmo jogo de sociabilidade e insociabilidade que existe entre os indivíduos vigora também entre os Estados.”

O negócio vai complicar formidavelmente. Os indivíduos têm o impulso social e o impulso antissocial: os dois impulsos estão em choque e é deles que vai nascendo um princípio de ordem, racionalidade etc. Só que o mesmo problema existe entre os Estados.

“Daí, duas conclusões se impõem: 1) Nenhuma ordem racional será possível num dos Estados se ela não predominar também entre todos eles. O objetivo final da natureza só pode, portanto, segundo Kant, realizar-se em escala mundial; 2) Tal como entre os indivíduos, nas relações entre os Estados são também as iniciativas brutais e egoístas que, pelo acúmulo de decepções e sofrimentos, levam a humanidade ao caminho da ordem final. Mas há um problema. Kant, reconhecendo a dificuldade de chegar a essa ordem perfeita, só concebe duas hipóteses para tanto: ou tudo se produz por um jogo randômico de forças, diz ele (‘uma convergência epicuriana das causas’)” (...)

É o movimento anárquico dos átomos, de Epicuro.

“(…) ou, ao contrário, há uma intencionalidade oculta da natureza que leva a humanidade à consecução dos seus fins mais altos. Não deixa de ser estranho que, no escrito que precede a apologia da liberdade, em que é o Iluminismo, o autor não conceda à liberdade criativa do ser humano nenhum papel significativo na condução dos rumos da humanidade e, ao contrário, deixe tudo ao encargo do acaso e da necessidade natural.”

Ele só está admitindo, que nem hoje no livro do Jacques Monod, que só existe o acaso e a necessidade; e ambos – o acaso e a necessidade – são parte da natureza e não da iniciativa humana. Kant é viciado em criar esses antagonismos: “ou é isso ou é aquilo”. Quando você vai ver, não pode ser nem uma coisa nem a outra e nem as duas juntas. Vou dar um exemplo: quando ele pega o confronto entre os empiristas e racionalistas, então ele diz assim: você tem o objeto e tem a percepção: ou o objeto por si tem a capacidade de tornar possível a percepção ou é a percepção que tem por si a capacidade de criar o objeto. Eu digo: nenhuma dessas duas coisas é possível. Ele já formula a coisa de uma maneira impossível.

Por exemplo, eu estou vendo aqui um isqueiro: foi o isqueiro que determinou a minha possibilidade de vê-lo ou a minha possibilidade de vê-lo que o criou? [1:00] É claro que não é nenhuma das duas, e ninguém jamais disse que fosse isso. Ao contrário, quando você vê em Aristóteles, já há toda uma descrição muito minuciosa das interações que se dão aí. Ou quando Kant nega, por exemplo, que existem as formas essenciais, substanciais; quer dizer, eu vejo um gato e ali capto a essência “gato” que está dada no próprio gato, e Kant diz: isso não é possível, porque, segundo ele, quando eu vejo um gato eu só vejo um gato individual, mas não vejo nenhuma necessidade universal nele; bom, mas a resposta é óbvia: “Como não?”. Se eu vejo um gato é porque eu estou vendo que é necessário para que ele seja um gato e se faltar uma dessas coisas, não se trata desse gato, mas é que nenhum gato será gato. Então ele diz que a necessidade universal só existe na razão humana. Qual é a conexão entre a razão humana e os objetos da percepção? É só a imaginação que fará esse elo. Mas de onde eu tirei essas formas? Eu decidi e criei livremente na minha razão? Quer dizer, aqui eu vejo um bicho e crio livremente a forma “gato”, visto nele e conecto pela minha imaginação. Eu digo, mas isto é muito complicado, não pode ser assim. Se o gato não se impõe a mim como gato, não há maneira de eu perceber que ele é um gato, e, por outro lado, se ele pudesse se impor a mim como gato sem a minha participação nisso, seria a mesma coisa que eu perceber o gato sem tê-lo percebido, quer dizer, a simples presença do objeto sem sujeito basta para criar a possibilidade da percepção, mas isso é inteiramente absurdo. Então, a filosofia do Kant é cheia dessas pegadinhas.

Cada vez eu tendo mais a achar que o Kant era um caso de confusão demoníaca, como Maquiavel. Você não pode dizer: “ele está a fim de sacanear com todo mundo”, não, ele não está, ele acha que isso é bom, mas o que ele entende como bom é o que nós sabemos que é mau, então ele não está tendo discernimento do bem e do mal, embora ele escreva páginas e páginas e páginas às vezes até muito inteligentes sobre isso. Ele sabe qual é a distinção do bem e do mal, ele só não sabe perceber isso na filosofia dele; o que é isso aí? “Paralaxe cognitiva”. Ele entende perfeitamente as coisas, mas não entende o que ele está fazendo. Bom, aqui parou só um pouquinho.

“Esta última, a necessidade natural, em vez de constituir um obstáculo à liberdade, tendo de ser vencida por meio do esforço e da inventividade dos homens, é apresentada como se fosse ela própria a grande força libertadora que conduz ao final apoteótico.”

Bom, por que eu vou me libertar do instinto natural se a natureza que está me conduzindo à razão?

“Oitava: Se é, portanto, possível ‘encarar a história humana como a execução de um plano de natureza a fim de levar a cabo uma constituição estatal perfeita’ é certo também que a forma do curso que deve levar a esse resultado é complexa e imprevisível. No entanto, tão importante é que os homens vivos do tempo presente se interessem pelo destino das gerações futuras mais remotas, que até mesmo ‘os mais débeis indícios’ de que a humanidade esteja caminhando na direção da ordem estatal perfeita devem ser não somente levados em conta pelos filósofos, mas influenciar os governantes na adoção de princípios de governo que levem a esse fim.”

Então, se existe um leve indício de que estamos indo em direção à ordem estatal perfeita pelas vias que o Kant descreveu, não somente os filósofos devem proclamar que isso é assim, mas deve também influenciar os próprios governos, tornando-se uma espécie de profecia autorrealizável.

“Nona: Aqui o filósofo declara a alto e bom som a finalidade dos seus esforços e a desse escrito em particular: ‘Um ensaio filosófico que procure elaborar toda a história humana segundo um plano da natureza em vista da perfeita associação civil do gênero humano é não somente possível, mas deve, ele próprio, fomentar a realização desse propósito da natureza’.”

É evidentemente uma profecia autorrealizável. Quer dizer, se eu estou dizendo que existe um plano da natureza em vista de levar os homens à constituição estatal perfeita e na hora em que eu digo isso, eu dizer isso ajuda a dirigir a humanidade na direção dessa constituição estatal perfeita. Aqui temos também uma indistinção entre o que é uma profecia e o que é uma ordem. Ele está dizendo que será assim ou está mandando que seja assim? As duas coisas ao mesmo tempo. Isso é um problema que também aparece em Marx.

“Nada poderia ilustrar melhor a regra, já citada, (...)”

Regra do próprio Kant,

“de que ‘todo interesse é, em última análise, prático, e mesmo o da razão especulativa é apenas contingente, não se realizando plenamente senão no uso prático’.”

Então, a finalidade prática, criação da ordem estatal perfeita, é o objetivo de tudo o que Kant está fazendo e tudo o que ele escreveu em filosofia especulativa, como a *Crítica da Razão Pura* etc. também só adquire sentido em vista do fim prático a que se destina. Não tem por onde escapar disso aqui. A gnosiologia de Kant, a ética, nada é separado desse projeto de nova ordem mundial, nada.

“Não há, portanto, o mais mínimo sinal de erro em considerar toda a obra de Kant, incluindo as suas incursões teóricas nos domínios mais abstratos e rarefeitos, como o esforço para chegar à suprema finalidade prática: a perfeita ordem interna de cada estado dentro da ordem perfeita entre todos os estados, ou, como diríamos hoje, a nova ordem mundial.”

Mas o negócio vai complicar muito mais ainda. Essa filosofia de Kant é como um alçapão onde ele prendeu praticamente a história ocidental inteira. Só quem escapa disso são, digamos, os comunistas, porque eles têm a sua própria jaula; e o pessoal islâmico também escapa porque eles têm uma jaula de fabricação própria. Então, nós estamos aqui entre três jaulas: a jaula do Kant, a jaula do Karl Marx e a jaula islâmica. Muito bem, faremos um intervalo e daqui a pouco nós voltamos.

Então vamos lá, temos algumas perguntas aqui. Eu vou responder poucas, porque eu estou muito cansado, dormi muito pouco hoje e tenho medo de começar a dizer besteira.

Aluno: O senhor saberia me dizer se os defensores, ou melhor, fomentadores da nova ordem mundial, como os Rockefeller, Fundação Ford, Bilderberg etc., leram Kant?

Olavo: Não, eles não precisam ler Kant, porque todos os intelectuais que alimentam essa gente com idéias e propostas leram. Se você ver, por exemplo, a *London School of Economics* inteira, que é um órgão, o *think tank* da nova ordem mundial, todo mundo ali é kantiano, não tem um que escape.

Aluno: Apenas para colaborar com a aula de hoje. Segundo Kant, a norma moral chamada de “imperativo categórico”, advém de uma colocação do indivíduo no lugar de Deus, como ele diz em Fundamentação da metafísica dos costumes. Devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne uma lei universal.

Olavo: É claro, você está se colocando no lugar de Deus, quer dizer, a sua ação expressa um princípio universal que é obrigatório para todos. Claro que Kant se imagina no lugar do criador dessa lei universal como qualquer militante da causa gay, causa socialista etc. É exatamente a mesma coisa, essa megalomania kantiana se espalhou para tudo quanto é lado. Kant é muito mais megalômano que Karl Marx.

Aluno: Me parece que é uma constante do pensamento alemão atribuir racionalidade ou dialética a processos impessoais, sejam eles naturais ou histórico-sociais (...)

Olavo: Correto, mas não é só o pensamento alemão. Isto é feito também na sociologia francesa, Durkheim é isso. O que ele define como “fato social” é um fato que independe da vontade de todo mundo. A idéia que aparece na revolução francesa, no Rousseau, de uma “vontade geral” – *volonté générale* – é também uma força impessoal, só que o alemão encara a coisa mais pelo lado metafísico e o francês mais pelo lado sociológico, sem maiores pretensões filosóficas, mas no fundo é a mesma idéia.

Todo o surgimento das ciências sociais modernas, no meio dele tem uma espécie de intenção geral de camuflar a ação humana e atribuir tudo a forças impessoais de modo que os agentes que tomam as decisões desapareçam por completo. Claro que existe o negócio do Georg Jellinek, que em todos os processos sociais você tem que distinguir o que é fruto de decisão, de premeditação e o que é o efeito incontrolável de milhões de ações que se somam e produzem um resultado impremeditado das nossas ações. As duas coisas existem; só que, em geral, desde o tempo de Kant até hoje, sobretudo a partir do positivismo, depois de Durkheim e Marx, a idéia é reforçar cada vez mais o aspecto impessoal, como se houvesse forças anônimas e como se ninguém tivesse decidido nada. Aí você apaga a ação humana e as decisões que foram tomadas por certos indivíduos adquirem quase... [1:11:21] – [falha na transmissão]

Quando vem com o Antônio Gramsci, então “nós podemos criar uma impressão de um imperativo categórico”, que, uma vez que disseminou em toda parte, passa a ser um imperativo categórico mesmo e ninguém sabe quem inventou aquela porcaria. Então, eu acho que você só tem o direito de apelar à hipótese de forças impessoais, quando você já fez o repertório de todas as ações e decisões individuais conscientes humanas que estavam envolvidas no processo. Depois de ter idéia do coeficiente de premeditação e de decisão, aí você pode analisar o coeficiente de forças impessoais, de acasos etc., ou o acaso e as várias formas da necessidade. Você tem a ação humana, tem o acaso e tem a necessidade – tudo isso misturado. Como dizia Jellinek, “distribuindo-se diferentemente em cada situação”. Agora mesmo nós estamos vendo no Brasil as manifestações espontâneas; alguém até perguntou aqui:

Aluno: Pode-se fazer uma comparação entre as “Diretas Já”, os “Caras pintadas” e essa militância pró-Aécio?

Olavo: Bom, a diferença é essa do Jellinek, entre o que foi planejado e premeditado como uma obra de engenharia – com toda uma cadeia de comando que vem lá de cima e passa por milhares de organizações e aquilo tudo é obedecido milimetricamente – e um efeito espontâneo, uma espécie de cansaço, a revolta da população. São processos exatamente contrários. Os “caras pintadas” não teve um que saiu na rua sem ter recebido uma ordem para isso, quer dizer, ali é como uma assembléia de estudantes, onde você já designa as pessoas que vão soltar as palavras de ordem, quem fará eco etc., quer dizer, é uma obra de engenharia social. No outro caso não teve engenharia social nenhuma, foi uma convergência de fatores

que foram se somando e de repente estava todo mundo na rua reclamando, como aconteceu no tempo das passagens de ônibus. O governo planeja uma série de protestos para uma finalidade e de repente aparecem pessoas que não foram convocadas, protestando contra o próprio governo. Quem premeditou tudo isso aí? Eu garanto que não fui eu. Na verdade, eu não esperava que nada que eu fiz tivesse o menor efeito político em menos de vinte ou trinta anos, de repente acontece isso e eu estou me sentindo que nem o japonês que apertou a descarga da privada na hora da bomba de Hiroshima: “pô, caramba”. Ninguém premeditou isso, simplesmente aconteceu. Isso também acontece; mas em cada situação histórica diferente o coeficiente desses vários elementos é diferente e pode ser medido. Aliás, o Jellinek começa a teoria do estado dizendo que este é o principal problema em todo estudo de história e ciências sociais, distinguir o que foi planejado e o que simplesmente aconteceu. Agora, as ciências sociais parecem empenhadas em confundir essas coisas sempre.

Aluno: Essa pergunta não tem relação com a aula de hoje, mas é uma dúvida que me ficou do curso sobre “Como se tornar um leitor inteligente”. Estou lendo alguns artigos sobre técnicas de leitura dinâmica, eles dizem que ler em voz alta e mexendo os lábios reduz a velocidade de leitura (...)

Olavo: Certamente faz isso, mas qual é o problema? Veja, Abraham Lincoln que era um homem de uma cultura excepcional e era um dos melhores escritores da língua inglesa na época, ele só lia em voz alta e andando de um lado para o outro. Tudo o que ele lia era assim. Você acha que ele não aprendeu nada? Quer dizer, tudo depende do objetivo. Você quer absorção rápida de informação ou absorção em profundidade de certas estruturas, de certos trejeitos estilísticos etc.? Tudo depende para quê você está lendo. Quando você vai ler jornal, eu acho melhor você usar a leitura dinâmica e não ficar repetindo. Não fique lendo em voz alta o editorial da *Folha de São Paulo* que vai até lhe fazer mal, vai desaprender, ler os discursos do Lula em voz alta, meu Deus do céu, tem que ler assim “vupt”; ou discurso da Dilma. Ontem alguém me mandou um negócio que eu estou maravilhado até agora: uma economista pergunta para ela assim – “Presidenta, eu tenho muito boa formação profissional, tenho ‘não sei quantos’ diplomas, mas como eu já estou com cinquenta e cinco anos de idade eu não consigo emprego” – e a Dilma responde – “Faça um curso no SENAC” – quer dizer, se eu tenho boa formação profissional, mas não consigo emprego por causa de idade, eu adquiro mais um pouco de formação profissional e aí minha idade diminuirá? O pior é que ela falou isso e ninguém riu na plateia – meu Deus do céu – esse é o *argumentum ad Dilmam*.

Aluno: (...) mas o pessoal da leitura dinâmica diz que vão além e é possível nem sequer pronunciar a palavra mentalmente.

Olavo: Eu digo, depende. Se é uma absorção superficial, então é melhor usar a leitura dinâmica e não repita nem mentalmente. Mas, se você quer uma coisa em profundidade, terá que repetir. Veja, esse negócio do Kant, eu leio muito devagarzinho, pego várias traduções, pego o original, vejo como soa aqui, como soa ali, para ter certeza que o ouvido afinou com o que ele está querendo dizer. Você não poderá ler Kant com leitura dinâmica, é impossível.

Quem puder votar amanhã – eu não vou poder votar, porque não me inscrevi em tempo, perdi o prazo, desculpa o vexame, mas estou recomendando, vote em Aécio Neves. Também lembrar a vocês, o curso de 24 a 29 de novembro, que é um comentário às ideias do Roger Scruton sobre a crise da inteligência – “A crise da inteligência, segundo Roger Scruton” – portanto, ler alguns textos dele com vocês e comentar, complementá-los de alguma maneira. Até semana que vem e boa eleição. Deus proteja o Brasil!

Transcri  o: Tamas Souza, Felipe Vitorino e Washington Leite.
Revis  o:   ricson Rojahn